

CINEMA

MIGUEL GONTIJO



O ESCONDERIJO
DO SATIRYCON

**“Todos
devem deixar
algo para trás quando
morrem, dizia meu avô.**

**Um filho, um livro, um quadro,
uma casa ou parede construída,
um par de sapatos. Ou um jardim.**

**Algo que sua mão tenha tocado de algum
modo, para que sua alma tenha para onde
ir quando você morrer. E quando as pessoas
olharem para aquela árvore ou aquela flor que
você plantou, você estará ali. Não importa o que
você faça, dizia ele, desde que você transforme
alguma coisa, do jeito que era antes de você tocá-
la, em algo que é como você depois que suas mãos
passaram por ela. A diferença entre o homem que
apenas aparou gramados e um verdadeiro jardineiro
está no toque, dizia ele. O aparador de grama podia
muito bem não ter estado ali; o jardineiro estará lá
durante uma vida inteira.”**

Ray Bradbury

**“Cuidado com o que você finge ser,
pois você é o que finge ser.”**

Kurt Vonnegut Jr

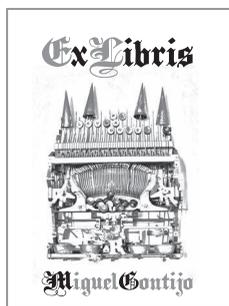
“Cinema não é para entreter, é para fazer sonhar”

Win Wenders



O ESCONDERIJO DO SATIRYCON

PANDEMIA DE 2021



miguelgontijo@hotmail.com
miguelgontijo.blogspot.com

*Para Robson Soares e
Maria do Carmo Arantes (in memoriam)*



O ESCONDERIJO DO SATIRYCON

Satirycon – obra da literatura latina de autoria do prosador romano Petrônio, escrita provavelmente próximo do ano 60 d.C, que descreve as aventuras do narrador.

*"Cinema - verdade? prefiro cinema - mentira.
A mentira é sempre mais interessante que a verdade"
Fellini*

Havia um encanto nas pesadas cortinas dos cinemas. Normalmente, vermelhas, pesadas, barrocas. Talvez o mistério que habitou em mim, seja:

- para que elas serviam?
- esconder a aridez e branquura da tela?
- proteger a tela do pó?

Mais certo é que sua utilidade seria oferecer a porta de entrada e saída de um en-

cantamento. Certo é que elas completavam emoções, que iriam iniciar. Um movimento a nos fazer submissos a futuros acontecimentos, contidos dentro de uma sala escura. Ao abri-la, o filme já projetado nela, deixava transparecer imagens, vozes e sons triunfantes, tomando conta de todo o espaço do olho, transportando-nos, enquanto exibia:



e nos dois lados do letreiro fontes jorravam. Além do impacto da apresentação triunfante, a cortina oferecia outra perspectiva, retalhando a imagem, embaralhando-a e revelando, aos poucos, o que viria acontecer. E o árido pano branco da tela enchia-se de vida.

Se não era a apoteótica Atlântida, aparecia emaranhado, assustado nas pregas do tecido, que abriam, um urubu da Pelmax, enxadado pela plateia, freneticamente: - xô xô! Outras vezes a cortina dava passagem para as três assustadoras e triunfantes batidas da Rank Organisation. Depois de vivenciar encantamentos, no final do filme, somos devolvidos à realidade e era a cortina que dissolvia a imagem, em um gótico

The End

A cortina é a porta de entrada de minha vida de garoto, aprendendo a arte de ser voyager.

Assim como o cinema não passa de uma fantasia da realidade, esse meu livro não passa de fotografamas, que meus olhos aprenderam a 'ler' com o cinema. Devo muito a ele.

"O cinema é uma velha prostituta, que sabe dar muitos tipos de prazer"
Fellini

Esse é um livro de desenhos e palavras feitos ao longo do tempo. Ao fazê-los, queria ter o maço e o cinzel do meu xará, para repetir as suas mesmas palavras: - **Parla!** e, assim, eles ganhariam vida e movimentos. Incapaz de produzir esses movimentos, tapeei minhas imagens, dando a elas o movimento das palavras. Dei boca a cada figura que agora apresento.

Meu "Cinema" trata-se de fatos atemporais, clássicos e épicos, banais e cotidianos, vulgares e distintos, saudáveis e neuróticos, coadjuvantes e protagonistas, mocinhos e bandidos. Cada coisa é povoada de uma dupla face, cujo tema essencial é a realização. São histórias niilistas, divididas, miticamente providas de personagens an-

tagonistas. Instalo-me no âmago das contradições das imagens e de seus textos, assumindo a máscara literária, e ao mesmo tempo, apontando-a.

Sob a cortina apresento um coisário, que espero, sejam decifrados o mais próximo possível de uma composição poética.

Em 1970, no Cine Brasil, assisti ao filme *Satyricon*,

do meu diretor preferido, Fellini. Esse filme renovou meu olhar.

Sua construção é truncada, uma vez que a peça da qual foi inspirada foi descoberta em fragmentos. Uma atmosfera onírica, como um sonho descontínuo, surreal e num tom psicodélico e lisérgico... nesse dia, por detrás da cortina, estava abrigado todo o Império Romano ...

quando acabei de ver o filme, escrevi esse poema:

A Metro-Goldwyn-Mayer sabe que durante a noite as ruas escancararam suas partes íntimas.

Por isso filmes são apresentados em salas escuras.

E, por detrás de pesadas cortinas, por trás do écran, Ton come Jerry assim como Frajola come Piu Piu Crusoe come Sexta Feira

Batman come Robin

Tarzan come a Jane

e alguém que não conheço também come alguém que não conheço

Sansão comeu Dalila

e só João não comeu Salomé.

Acho que era vegetariano, assim como a maioria dos santos vaticanais.

Escrevo isso como uma tentativa de explicar o mundo.

Acho que consegui!

... e assim, componho esse meu trabalho, numa tentativa de me explicar.



ROTEIRO PARA SATYRICON

*"Num filme o que importa não é a realidade,
mas o que dela possa extrair a imaginação"*
Chaplin

Não há nenhum indício de que a vida possa ser essa realidade apresentada a nós. Nem no presente, nem no passado, nem no futuro. Estamos todos inventados. O mundo da forma que é, só serve para comer, andar e trepar.

Ficamos esperando o que não veremos, nem seremos. "O futuro a Deus pertence!" - grita alguém.

Será?

Ao longo dos séculos que se sucederão, seremos reinventados inúmeras vezes

(e, mais certamente, ferozmente esquecidos) e não será nenhuma história particular, que desaguará no futuro.

Roteiro aberto a interpretações múltiplas. Somos detalhes de um romance, tal qual *Satyricon*, que chegou a nós apenas fragmentos, nos levando do coração às tripas. Voraz, lúbrico, devorando o mundo, numa exacerbação do desejo e da gula e

Como narrador dessa história, eu, a encarnação de Encópio, provavelmente, nem uma sombra sequer fará jus ao que sou e estou agora, como Miguel. EU, senhor diretor, roteirista e ator, serei uma colagem de miguéis, desencadeando chuviscos verborrágicos, aos que acharem conveniente, se for conveniente.

Serei 'lido' de formas diferentes e posso até desaguar no futuro como um novo Petrônio, ou absurdamente, como uma esfuizante modelo loura, protegida por um famoso estilista e que, tendo nascido homem, tenha feito uma operação de mudança de sexo, com Pitanguy e, por muito tempo, apresentado em teatros de travestis com o nome de Lili da Galochinha. Dirão que não engolia desaforos. Discutia feio com quem ultrapassasse minhas convicções, sempre que minhas tentativas de boas ações fracassassem. Serei preso por duros policiais, após esmurrá-los. Posso até me tornar musa de roqueiros, apresentador de reality shows, burlar todos os mandamentos, etc.

Talvez meus cabelos sejam arrancados nas celas por onde passarei, (justificando minha atual careca) e ganharei de Margritt um dos seus chapéus coco. Daí nascerá um grande amor entre nós, porém, com o tempo, ele terá que se rivalizar com John Lennon, minha eterna obsessão. Virarei 'Rei do Pen-drive' e terei pequena inclusão nas artes plásticas, como habilidoso colorista, amigo da Yoko. Trairei todos que me amam.

Tornarei bicha, para me fazer amante de Onassis. Só assim terei chance de produzir fagulhas artísticas, fazendo-me pintor de sucesso meteórico. Porém, diante dessas fagulhas, espelhos óticos deformarão meus quadros produzindo um certo mal-estar nos espectadores. Nessa desordem de possibilidades, há de se chegar ao ponto das gavetas deslizarem para dentro, ao invés de para fora e assim, incompreensível, reforçará a qualidade dos meus quadros, tornando-me imortal.

Poderei também aparecer como macho-alfa. Espancador de mulheres, que para justificar minha impotência para comê-las, matava-as com requintado ritual de tortura. Com esse histórico de vida, talvez acabe brutalmente assassinado (crime sem solução, até hoje), tendo meu corpo retalhado e minhas partes coladas em outdoor, por toda New York. Meus olhos serão arrancados e conservados juntos com minhas brilhantes lentes azuis, sobre um prato, aos pés de Santa Luzia. Produzirei lampejos de milagres, como desviar a rota de embate entre os Estados Unidos e Irã. Como ninguém ficará sabendo, serei impossibilitado de me produzir santo.

Com a precisão de um estenógrafo, agora, com a bunda presa nessa cadeira, equilibrando uma caneta Bic na testa, estou a procurar saídas para enfrentar esse novo dia que começa e esse roteiro que não termina. Nenhum indício de que, colorida já basta a vida.

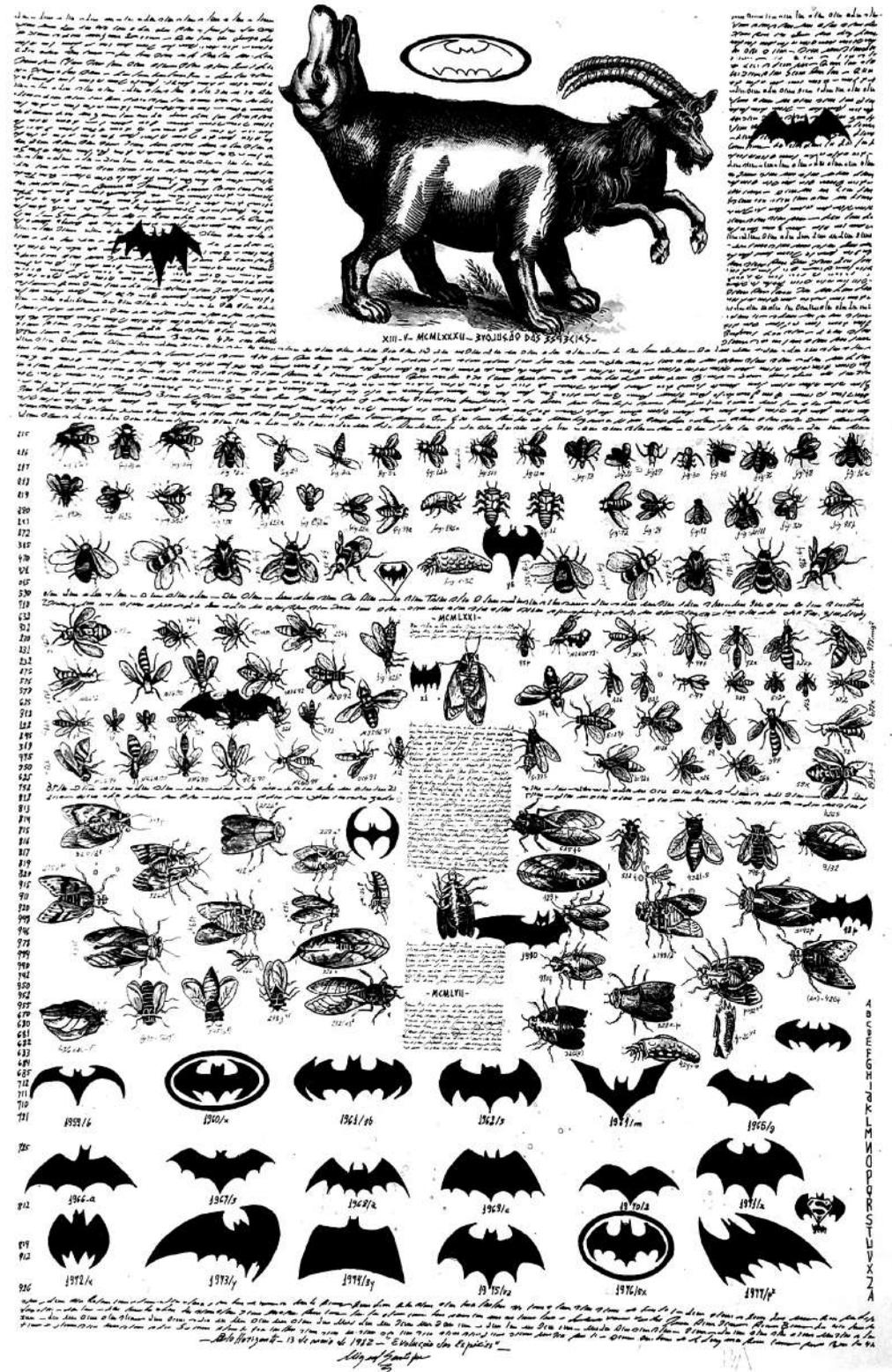
O futuro está determinado com a nossa ausência e se conforta como um filme mudo.

O presente, à falta de outras bestas feras, doma-se metáforas e aprende grego para criar harpias e se conforta como um filme noir.

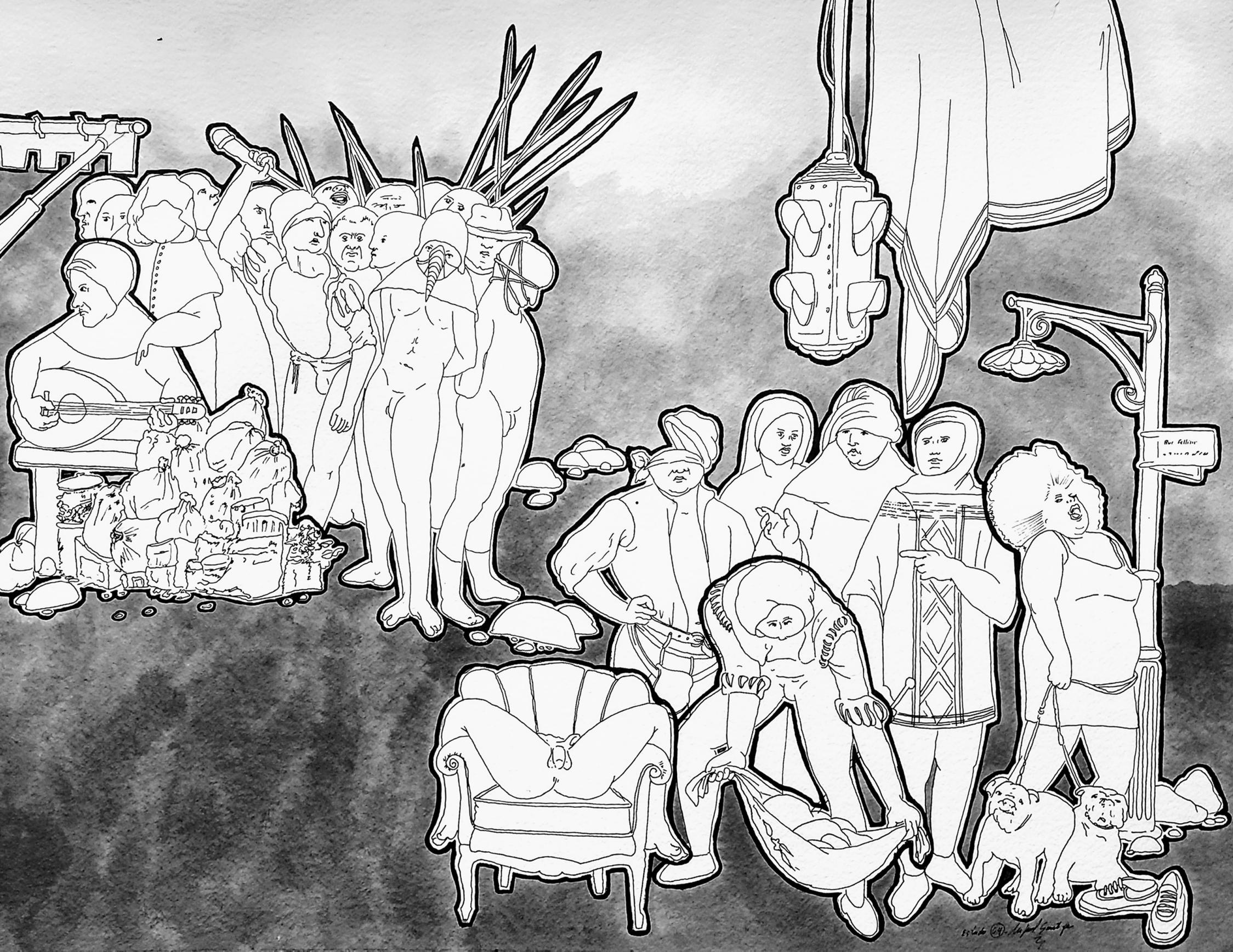
O passado constrói lápides para subir em cima e devassar poemas, como num filme de ficção científica.

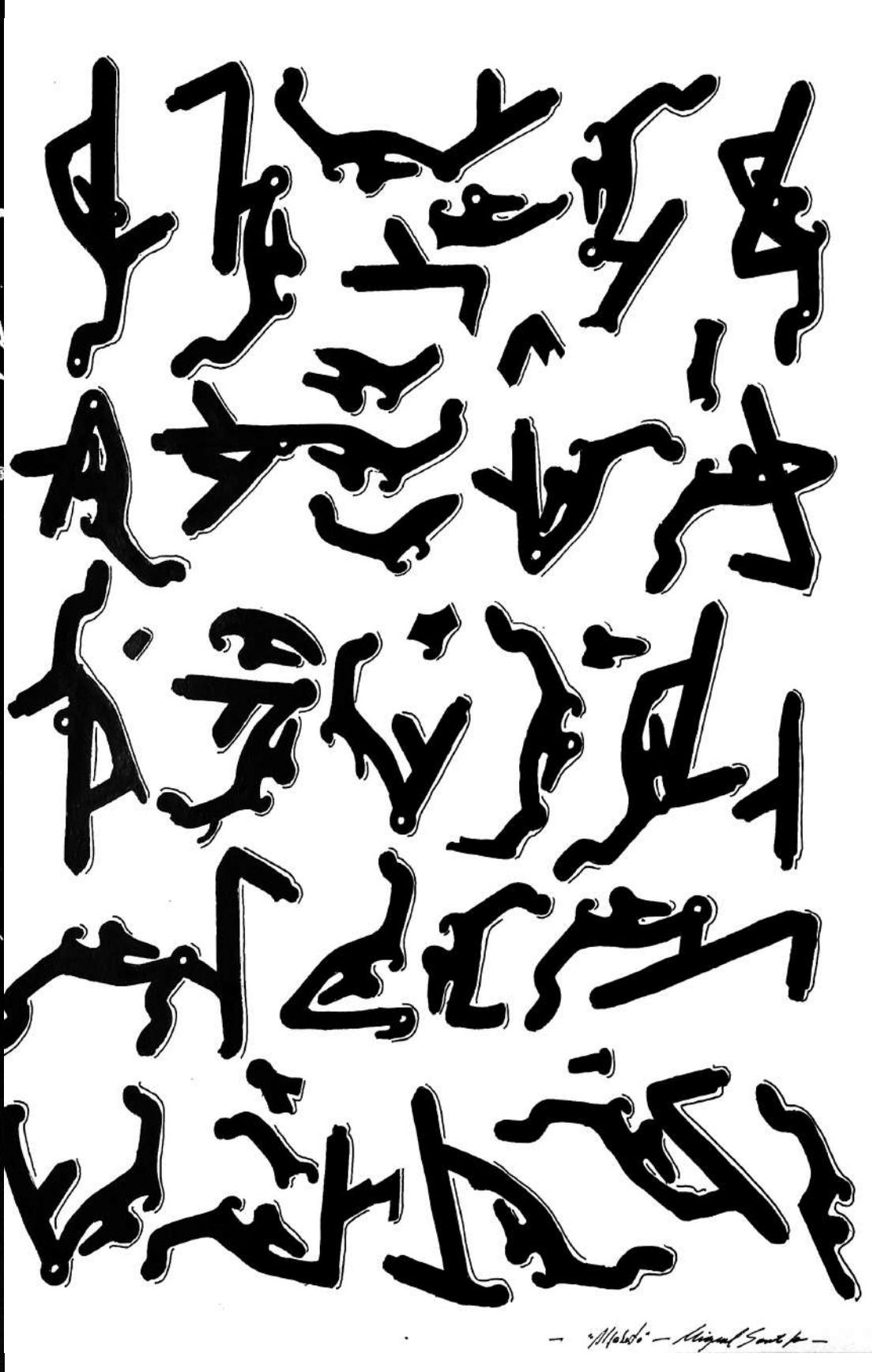
Crédulo e cretino seguirei entulhado de esperanças fellinianas.

- _ miguel, cadê você?
- _ estou aqui, você não vê?
- _ e o toucinho, que estava aqui?
- _ o gato comeu.
- _ cadê o gato?
- _ ...





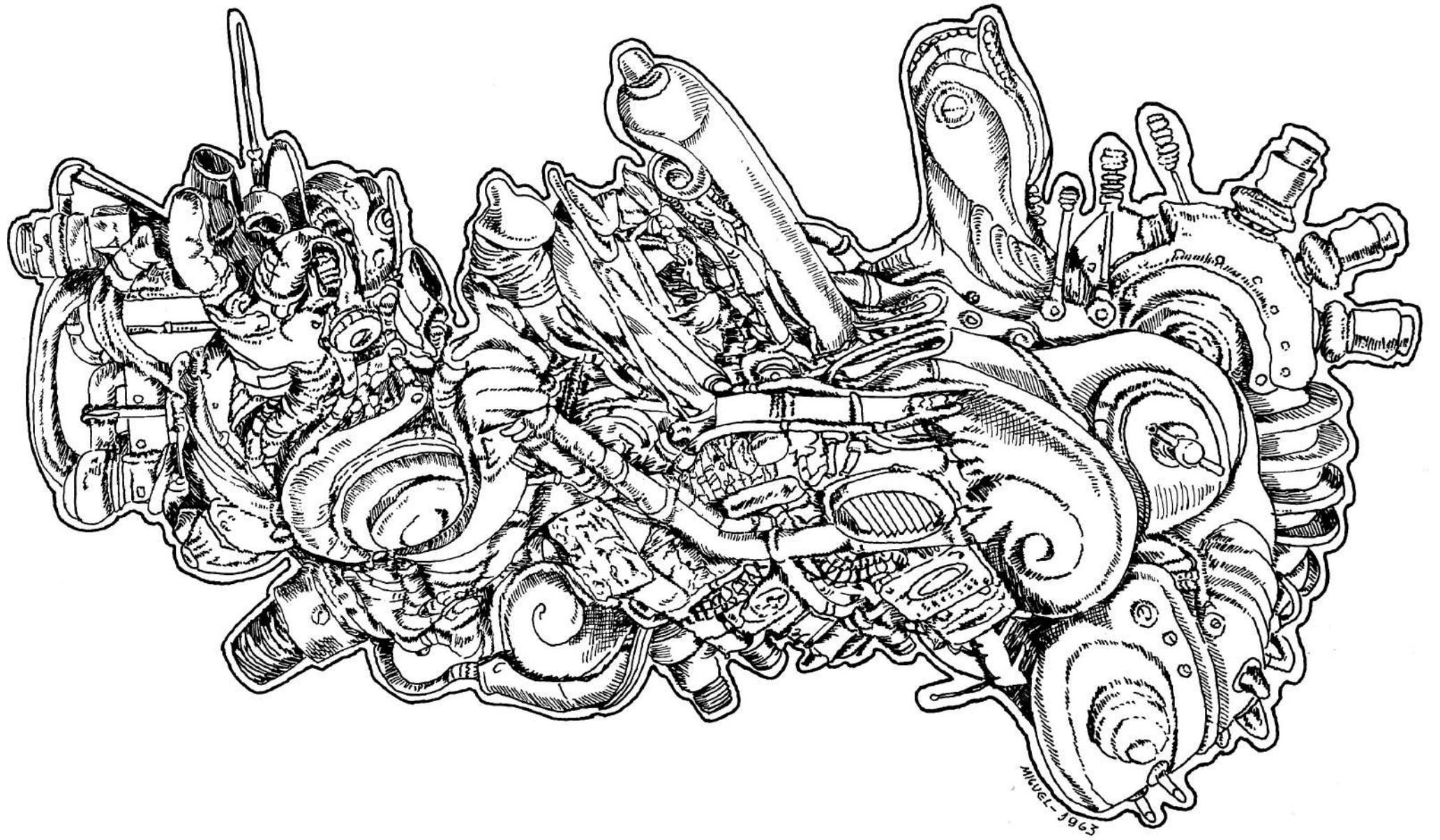




afetado e de se autoproduzir na mesma r

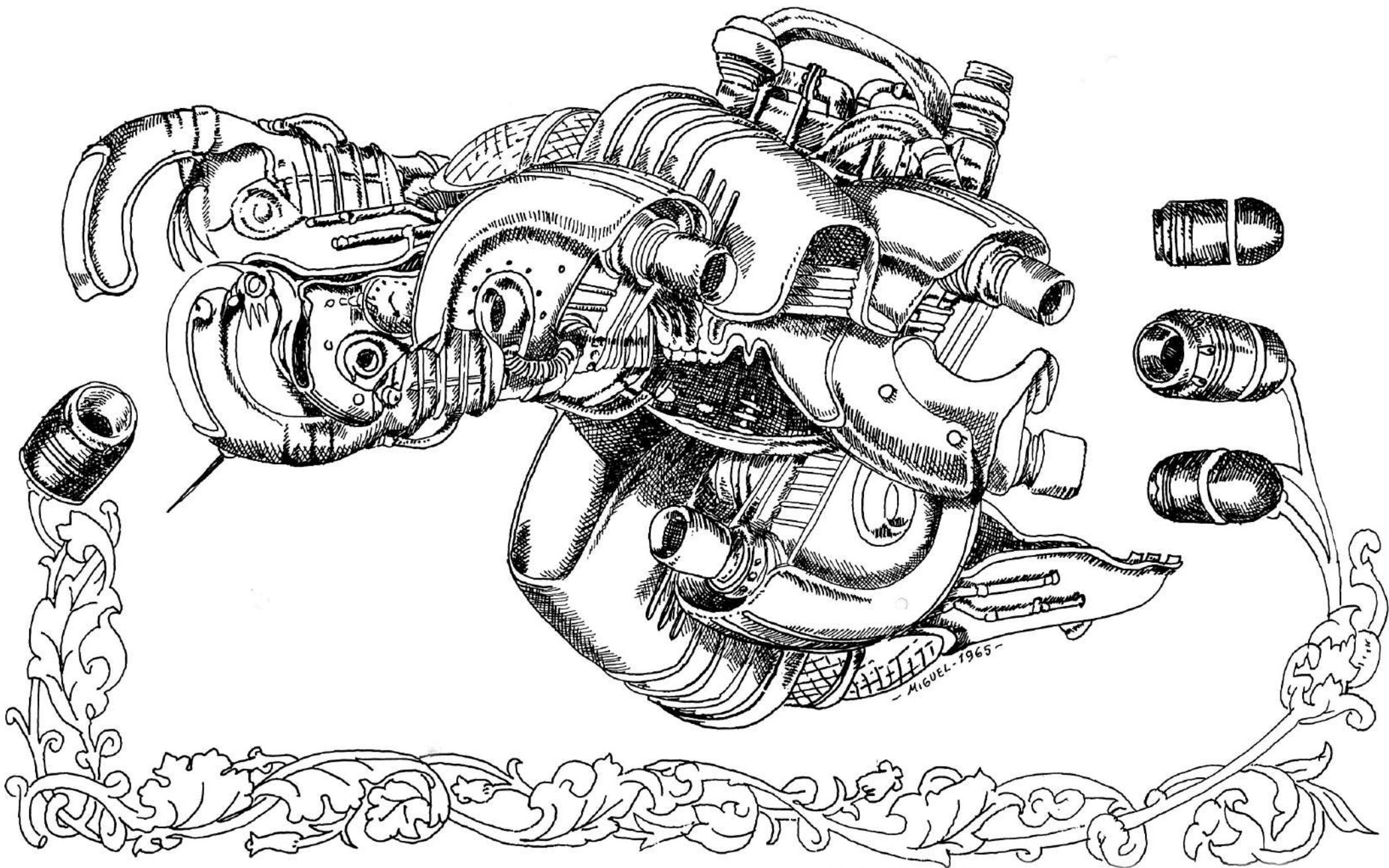
as regras de for-
sibilidade de um
idade de um povo

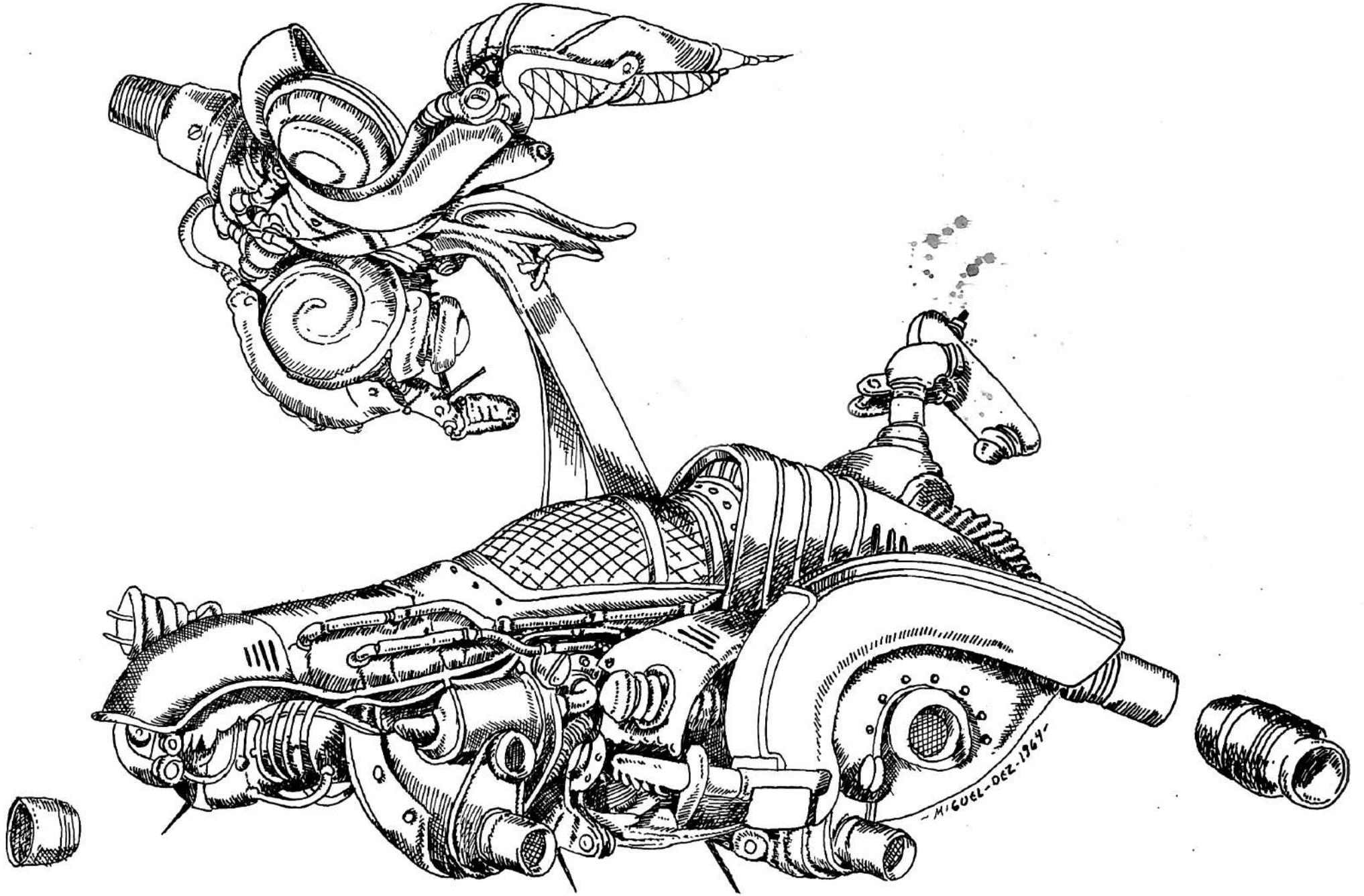
mediante respoctar
is no prop... ato da escrita.
Lirata-se, cu... dissemas
yn material de r... lisa por
el analizar as épisto... de





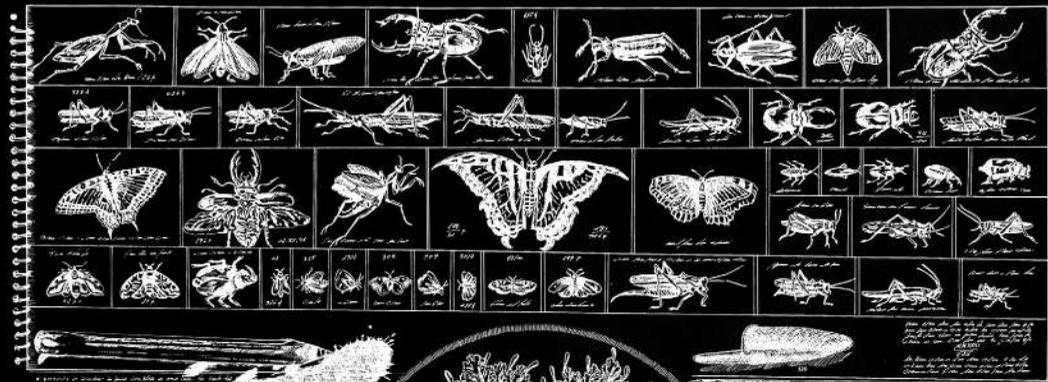
MIGUEL-1963

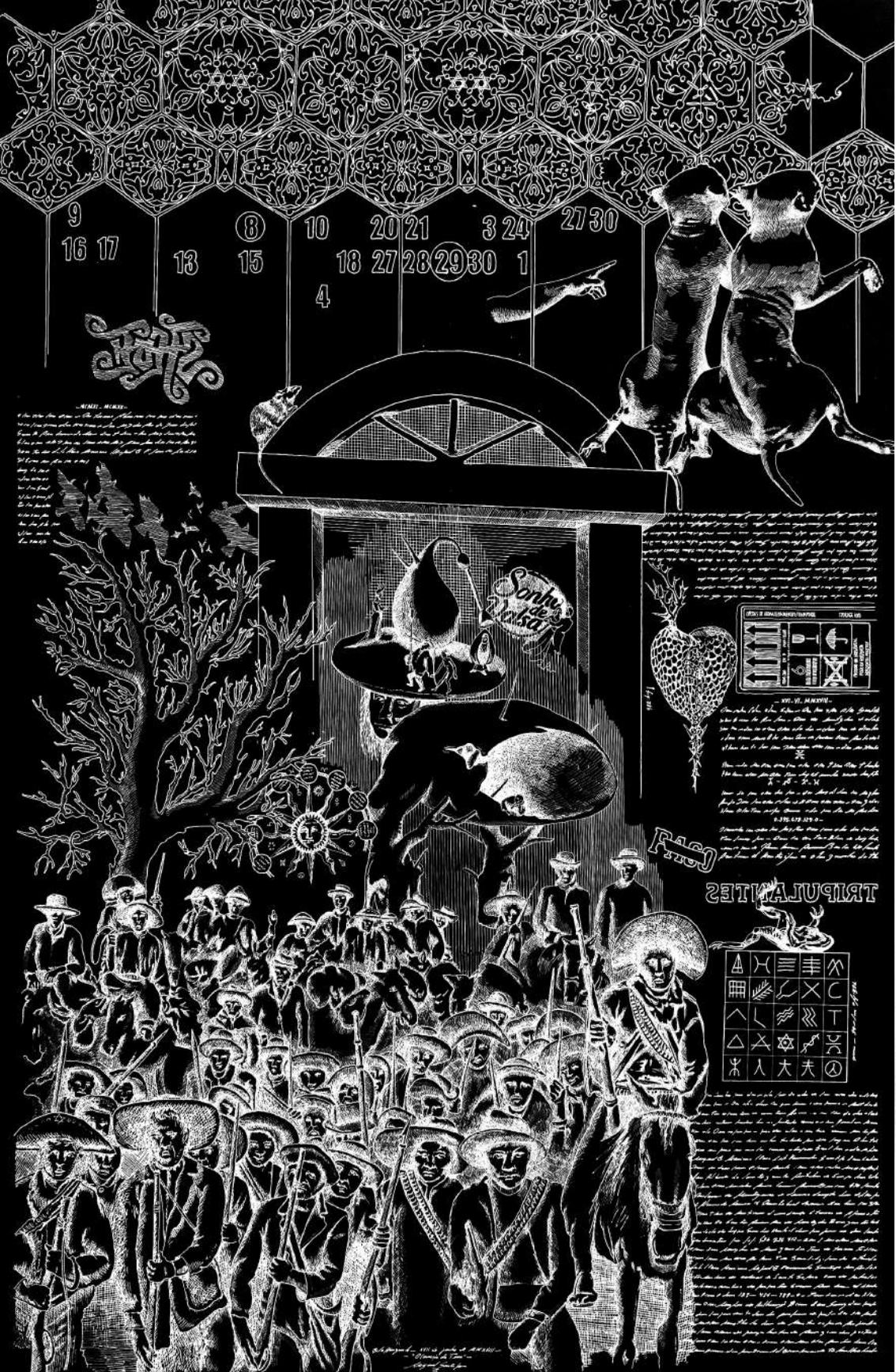






SEJA MARGINAL SEJA — ESIHO —





9
16 17
13
15
10
20 21
3 24
27 30
18 27 28 29 30 1
4

XCMLXXVIII
 1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

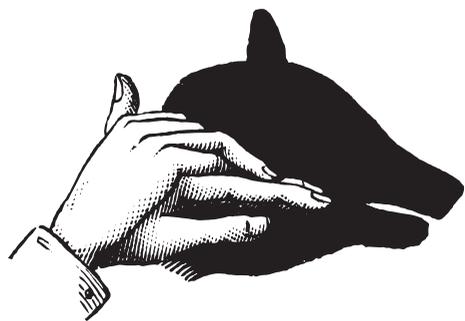
1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

1000 900 800 700 600 500 400 300 200 100 0

"Eglio a lauro" - X-IX-ACALXXVII-1897

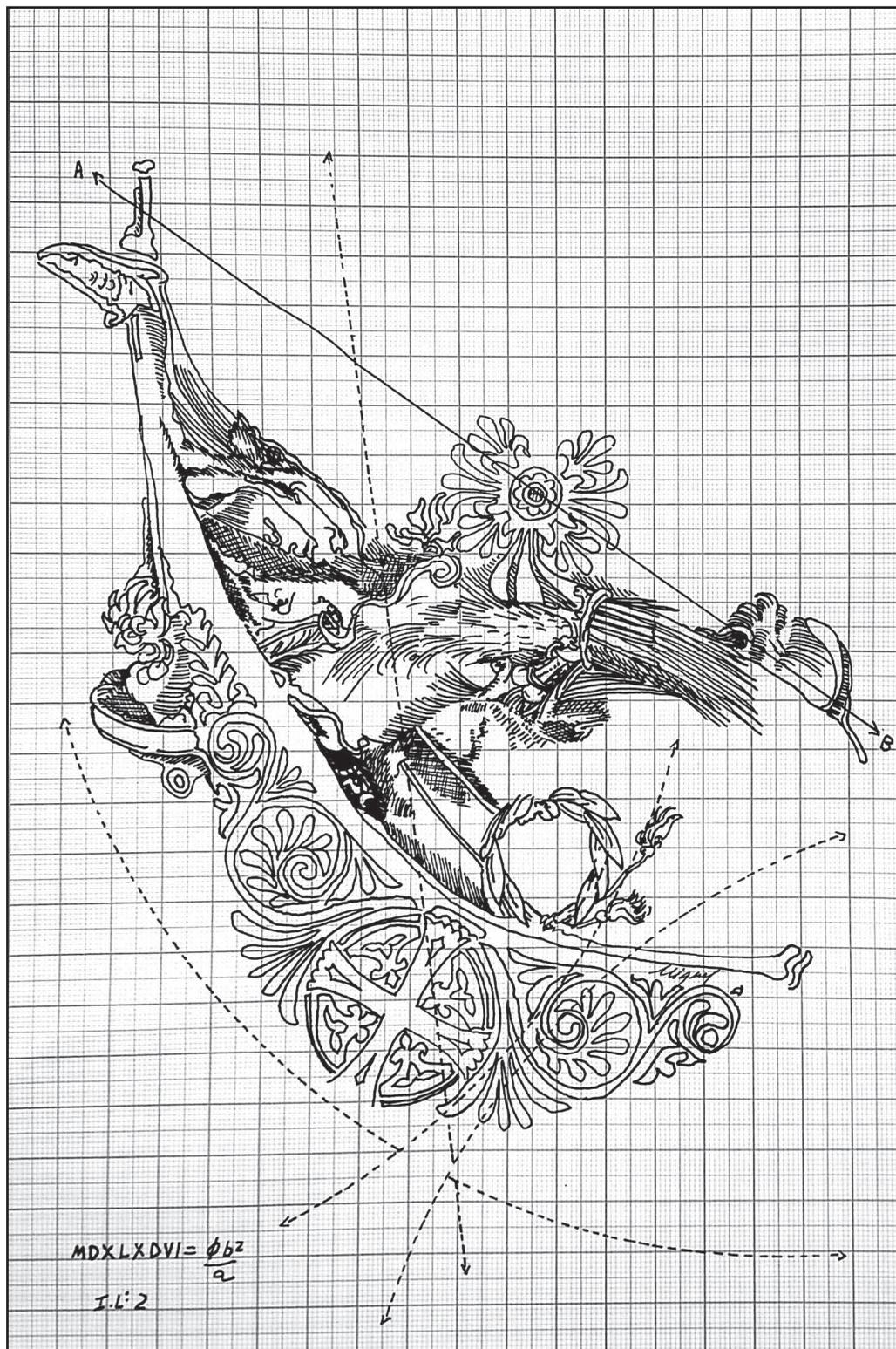
Dime...



Senhoras e senhores:
representar-me-ei, agora, em um palco.
Meu teatro é feito para públicos
que aspiram existências impossíveis.
Flui das sombras e espero que sobreviva à luz.

Às vezes, num detalhe, saltar-me-ei num
vórtice fatal e apresentar-me-ei como uma
fotocópia mal tirada,
ou como um ator canastrão.
... mas é o que tenho para hoje!

Não me culpe porque só falarei 'me'.
É porque não conheço 'vós'.
Como consolo, deixo meu palhaço lhe fazer
a última saudação:
_ *comantalevú, lecteur?*



Era um belo porta-retrato, enferrujado,
com a foto do meu avô.
Ficava sobre uma escrivaninha, na sala.
Várias pessoas de minha família
– inclusive eu –
morreram de tétano ao manuseá-lo.
Vai ver!:
- maldição genética!



Meu avô está enterrado entre duas esposas.
Salpicados, daqui e dali, vinte e tantos filhos,
também já se foram.
Esse é um lugar tranquilo,
bom para se sentar
e onde a dor é o olhar de Deus.

Acostumado a viver assustado, o tempo já não
bate mais no compasso do coração.
Dentro das covas meus mortos me expiam.
Tão vivos que ouço o retinir sonoro das taças:
_ Feliz ano novo!



Por não ter me dado o poder de decisão,
tenho muita raiva de Deus,
que me fez rinoceronte.
Raiva por ter sido
personagem de sucesso no teatro,
sem aparecer em nenhuma cena;
por fazer a história acontecer,
longe do que tenho a dizer;
por ter apenas um chifre a me produzir estético;
por não fazer parte do presépio;
por ter bebido a água do dilúvio,
vendo a porta da arca fechada;
por ter apenas meu peso a me proteger;
por não ser peixe e ter que manter o nariz
fora d'água constantemente;
por ter que espalhar minha merda, para me
tornar sedutor;
por ser mau sem ter aprendido a maldade;
por ter que me vestir de miguel
e tornar indelével a sua tatuagem,
rabiscada em mim,
e, por fim, ter que morrer
nessa planície gelada desse papel.



Encontrei jogado no quintal,
duas latinhas de massa de tomate,
amarradas por um longo fio.
Era um rádio-telefone,
que há muitos anos eu brincava.
Coloquei-o novamente na orelha
e pedi uma ligação.
A linha estava ocupada.



Tendo a galinha seu cérebro pouco irrigado,
elas se esqueceram, há muito tempo, que
são pássaros.

Com suas plumas arrepiadas imaginam
voar, atraídas pelos grãos de milho amarelo
brilhante, que a elas são atirados.

Aos nove anos, vi a empregada cortar
a cabeça de uma delas.

Saiu cambaleando pelo terreiro, caindo,
o barulho das asas a se debater,

tornando-se grande.

Não sei quanto tempo isso durou.

Em minha cabeça: até hoje.

Num pequeno espaço do seu pescoço
as penas são arrancadas.

Veias se tornam visíveis e dilatadas e ficam
cada vez mais grossas de medo.

Então a cabeça é segurada para trás e a faca
é enfiada.

O sangue esguicha, quente, vermelho e o ar
torna-se ameaçador.

No corpo vazio retiram-se as penas,
que são abandonadas de lado.

E é o vento que espalhando-as no ar,
aleatoriamente, restitui a dignidade à
galinha, refazendo-a pássaro a levantar voo.

Quando vi a galinha correr pelo quintal,

Sem cabeça,

desacreditei-me,

falsifiquei-me,

passei a desconhecer o que é

e o que não é,

tornando-me uma paródia.

Uma galinha a debater e tropeçar.

... e é o vento, que fazendo-me crer, alea-
tariamente, restitui a minha dignidade, me
informando que meu futuro e o da galinha,
não é uma interrogação.

É um ponto de exclamação.



... quando minha vó contava
sobre a morte de Nossa Senhora,
ela colocava tanta fé,
tantos detalhes,
que, assustado, acreditava
que ela tinha ido ao velório
e saiu pouco antes da ascensão.

... quando falava do nascimento
do menino Jesus,
tinha certeza, que ela havia
deixado um presente,
na beira da manjedoura.

Assim, acabou fazendo
seu primeiro milagre pagão,
compondo um presépio
cheio de carneirinhos saltitantes,
pastores estarecidos,
reis fugazes,
bebês gordinhos
e complicações cardíacas.



É verão.

Colocava na boca
as compridas hastes das gramíneas,
mastigava devagar seu caule
até ficar transparente.

Corria, porque era verão.

Ofegante, só parava
quando o joelho esfolava,
a carne ardia

e eu jurava que tinha morrido.

E era a dor que me dizia que não.

Então o medo desviava seu sentido

e eu passava a crer

que a morte entraria pelo

esfolado do joelho e o apertava fortemente

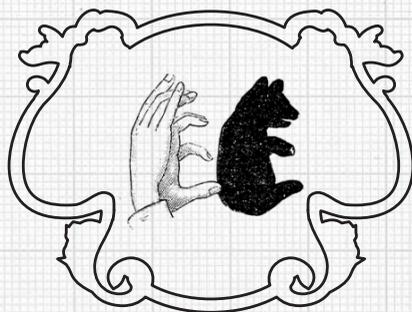
para bloquear sua entrada.

É verão.



Tenho nome de anjo,
mas cada vez mais sou incrível,
crítico, sarcástico e agnóstico.
Um dedo me persegue
em todo lugar que estou.
Rabeio a vida lotado de ziquizira,
ínfimo,
cumprindo a receita ancestral
de ser um deus, entre os deuses.

Agora, aqui, medito à beira dessa cacimba,
encharcado de metonímia e urucubacas,
com um fósforo na mão a acender trevas,
que chafurdam em mim
e deduzo: se o diabo existe e é mau,
então sou herói,
pois já o matei há muitos e muitos anos.
Só não sou reconhecido como tal,
porque meu deus ficou capenga.



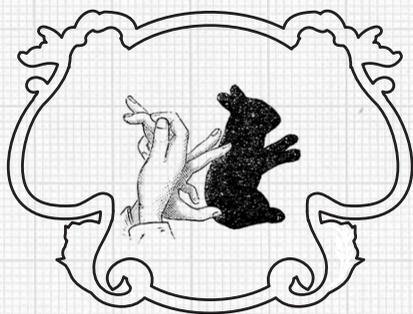
ave ave ave - um céu cheio de Ave.
ave de rapina,
macucos, jacus, perus, avestruz, codornas,
pavões e kiwis.
Ave Maria,
bendita ave.

Gosto de apagar pistas visíveis e inseminar
metáforas.
Tenho necessidade genética de ser contra;
de ser escorregadio quem quiabo;
de ser o que não sou e do que sou;
de rastejar em subsolos,
Ler com dedos analfabetos teses em Braille,
de ser um número primo,
de estender,
expandir,
de esconder e de perder e de voar.
Ave!

Não sou inteiro nem monolítico e não tenho
ponto de apoio.
Se tenho alma é porque
comi minha placenta ao nascer.
Toda resposta pressupõe uma decepção.
- Ave Maria!
Então, levo a vida a me construir,
adornado com jarros de flores e urinóis de cocô.

Nunca tive pretensão de ser pintor,
desenhista, nem escrevedor.
O que gosto é de ficar zanzando nessas
áreas, onde qualquer coisa pode dar certo.
Onde acidentalmente um pinico entorna,
um jarro quebra e ditam uma estética para
uma nova geração incauta.
Onde se discute Lógica em terreno minado
para endeusar tempos descartados.

Para que me torne uma imagem profícua,
roubei um latifúndio de alma, arrebanhando
os giros das matracas das rezas:
Ave ave ave! – matracarei.
Um céu cheio de aves
uma gaiola de ave,
um voo de ave
ave ave ave!
Para que tantas aves no céu?:
- xô! xô!... grito pro urubu da Pelmex
...PUM!...
matei.



Caminho num abismo intransponível
entre eu e Deus.

Não chegarei a lugar algum.

O que me deprime é saber,
que nessa estrada, não desvendarei nada.

Sou um ser em estado de curiosidade.

Só.

Curioso com a evolução genética
do “rato do banhado”,

até atingir o estágio de “rato do esgoto”.

Eu, que não passo de um caxinguelê,
de um serelepe,

um quatipuru,

e de um esquilo,

estou sempre muito curioso

em relação à evolução das espécies.

Acredito que é essa curiosidade

que me fez criar um deus.

Deus rato, que me faz vergar para chegar a ele,
enquanto ele dobra-se sobre mim

e me manda à puta que pariu.



Busco nos outros imagens
para as minhas palavras
e assim vou apenas criando
ritmos preponderantes.
Não passo de um tradutor de imagens.
Um tradutor semianalfabeto,
que não domina a língua
do objeto traduzido.
É como se os ratos de Camus
desviassem de seu livro,
para morrerem em minhas palavras infelizes.

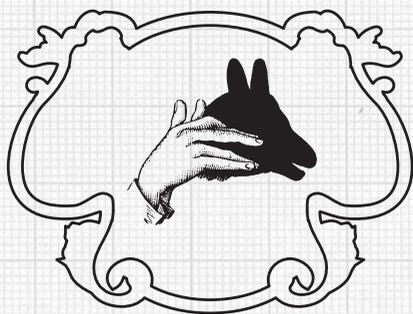


Como não gosto de futebol e dele nada sei,
tenho muito medo de estar no gol errado.
... tô desconfiando que o gênero
dos meus trabalhos plásticos é literário
... tô desconfiando que sou uma
macieira florida de caju
apesar de todo o esforço da parteira
e dos médicos, nasci artista.
Não chorei: fiz um silêncio de heresias.

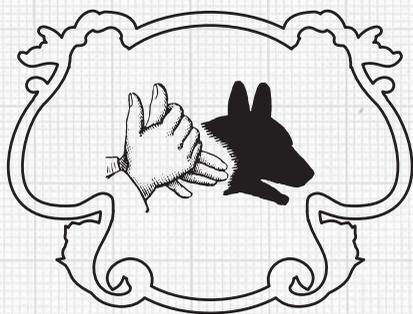


No meu mapa de erros há uma paisagem
que não existe.
Mas, mesmo assim, acumulam-se verdades.
Tantas que é difícil transitar.
Lá as verdades desistem facilmente delas
mesmas e deixam que os espelhos meditem.
Sinais de trânsito acendem entre as ruínas e
orientam uns aos outros, *ad infinitum*.

Deixei meu carro parado no estacionamento
das promessas,
para escorregar na fantasia.
O romantismo é uma arrogância,
o desejo, um vômito,
a religião é diarreia.
Isso faz com que a mentira seja densa,
compacta
e nela tudo cabe e se enfia.
A realidade também é oca,
capenga
e tudo cabe e se enfia.
No mapa de erros há vozes,
ferrugens e ventos.
Há regressos disfarçados de despedidas,
numa tentativa de recuperar versos zambetas.
O meu mapa de erros não suporta tanta re-
alidade e está sempre assistindo a um filme
do Disney.
No mapa de erros, o real é triste e solene.
E trafega com o mapa imaginário,
apresentando-se uns aos outros,
até ficarmos como se fôssemos Lúcifer,
a sonhar com luz, estando no meio do fogo,
como se fôssemos o fosse,
fosse.



O senso comum me atropela.
Há um caminho que me conduz ao desastre,
por isso estou irremediavelmente anacrônico,
errante,
vagabundo,
raivoso,
esculhambado,
clandestino,
secreto,
sujo,
mofado,
enojado
e dopado.
Nesse turvo abismo minhas histórias escoam.
Começo meu universo com um grito
e não sabendo à quem dizer adeus,
abrigo-me em um exército dos desertores.



Sou quem Deus.

Preciso de uma costela para poder criar.

**Faço coisas que convivem e convém ao vácuo,
faço coisas que não são de reino nenhum,
que não dependem da gravidade da terra.**

**Possuo a virtude de sair do meu corpo e
caminhar pelos ares,**

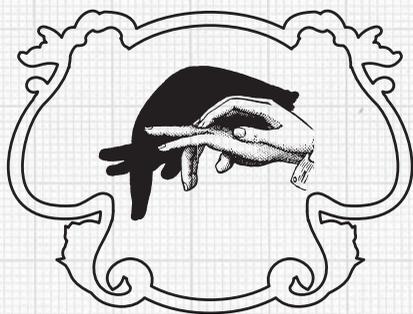
**celebrando a primeira luz que desponta,
pegá-la e chupá-la, de canudinho,**

até ouvir o estalido que vem do fim do copo.

O céu não é o limite.

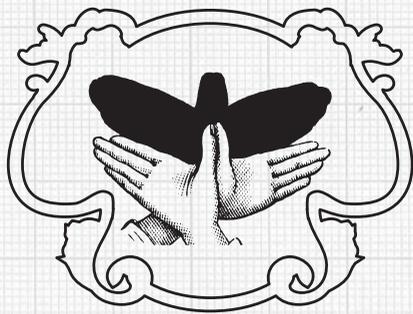
Cirzo a vida pelo avesso,

quem Deus



Minha cara de fuinha é uma camuflagem
da minha alma de barro e de sina.
Sou dois: corpo e alma,
que nunca saem juntas.
Contaram-me que alma é dividida em partes
e o corpo em princípios.
A alma começa aqui
e o corpo onde você quiser.
Só durmo em encruzilhadas
e nenhum crepúsculo me contém.
Tenho uma inteligência aguçada, capaz de
educar uma geração inteira de gerânios.
Passo a vida com a cara de fuinha, na janela,
a espera de um pensamento.
?

(A minha cara de fuinha não é uma metáfora.
A metáfora é que quer ter o rabo de uma
fuinha.)



Fui muito inconsequente com o meu passado.
Talvez por isso meu trabalho
seja esse delírio visual,
esse dispêndio barroco,
essas imagens escatológicas
e essa pornografia contida.
Passei por ele simplesmente caminhando,
deixando que me decifrasse
a cada passo que trocava.
Andei andei
e criei mapas falsos dos caminhos que passei.

Conspiro com a minha história,
para que o fim se confunda com o início,
e assim desague em lugar nenhum.
Abrigo-me na pele de um impostor,
associando coisa com coisa,
dor com dor,
a fim de me tornar uma múmia elegante e
tenha uma morte grandiloquente.
Sou uma figura instalada
nas entranhas de outra figura,
a ensaiar meticulosamente
meus gestos acovardados.
Incapaz de me aceitar desconhecido,
jamais sairei ou viverei fora das narrativas,
e para que me torne belo e palatável,
estou constantemente renovando os adornos,
compostos de 'notas de rodapés'
e citações bibliográficas.

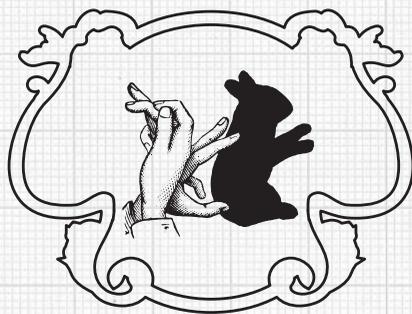


Já tive um espelhinho oval
com a Ivone de Carlo no verso
em trajes de banho,
que me olhava
toda vez que o retirava do bolso.
Não sei mais quem é a tal Ivone.
Porém, perdi os cabelos
de tanto que ela tentava alinhá-los.

Ah!... o maiô era branco.



Não sei pintar paisagens.
Habito no oco da casa,
onde gritos não passam de ecos obedientes.
Passo a vida, ávido,
à cata de um desejo secreto,
escondido no álbum de família.
Levito, tal qual desejo de santa Tereza,
desprovidos da fé,
que me torna claro e objetivo.
No oco da casa
recolho acordes perdidos e felizes
e os colo, como imãs, na geladeira.
Sobre o vidro, que protege meu desenho,
deslizam nuvens sopradas,
sugerindo paisagens.



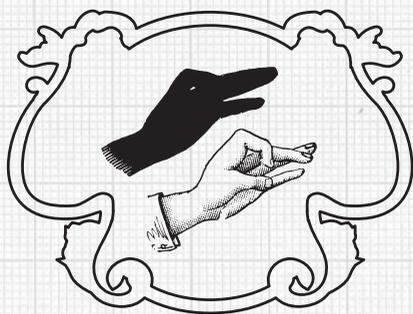
Gosto muito de hipóteses improváveis.
Aí a vida armadilha-me.
É um lugar onde tudo adquire um sentido primevo;
um açude de palavras condenadas à castidade íntima;
uma forma de poder sobre a vida.
São assombrações bastardas,
que engordam o monstro das minhas poesias.

Gosto muito de hipóteses,
que me faz um fantoche compungido,
saído de uma tragédia adiada.
Gosto muito de um céu estrelado
e de um prato de melado.

Por isso, aqui estou: macróbio e desdentado,
não mais conseguindo mastigar letras,
lembrando-me dos Karamazov,
assentado nesse macio sofá,
que também sonha em se tornar uma espécie rara
e que não passa de uma adaptação da minha bunda.
Aqui estou.

Li Machado de Assis e José de Alencar,
apenas para melhor moldar a bunda nesse sofá.
Placebos.
Quem moldou um buraco em mim foi Dostoievski,
por isso passo a vida
a lambar o cu de Rodion Raskpólnikov
e assassinar Bradbury e Vonnegut e Garcia Marques,
e outro e outro e outro,
por ter as mesmas necessidades de Rodion.

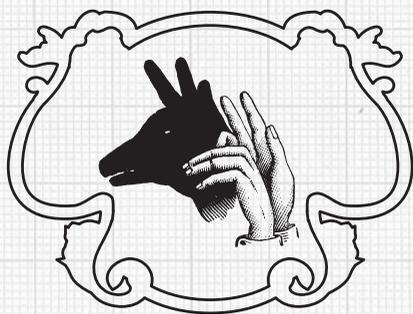
E é nesse abrigo de tempo,
que estou a debulhar os dias
e cozinhá-los lentamente para engoli-los.
Celebro minha esterilidade,
rimando *dèjà vu*, com vai tomar no cu.
_ Mas isso não dá rima! Avisa-me uma nota de rodapé.
_ Sim! Porém, agora, quero só decifrar na memória os
códigos de barra que envolve a minha sapiência
e ficar assentado nesse sofá macio,
que sonha em se tornar hipótese literária possível.



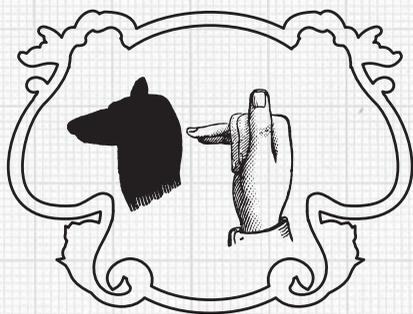
Nenhuma sabedoria me manda notícias.
Negocio com a morte,
a memória que tenho do mundo.
Fujo para a infância
na pouca vida que me resta.
Lá é um lugar de migrações,
onde revolvo as cinzas dos meus dias.
Devagar.
Só me restam a criança e o descompromisso.

Meu ouvido recebe notícia,
que vem do som da ambulância.
Mas eu tive o cuidado de furar os pneus,
antes de requisitá-la.
Consegui, também, tornar os semáforos cegos,
por onde quer que ela trafegue.
Para que nada desse errado,
paguei hora extra à minha guarda de segurança,
para reforçar a porta.

Porém, estou sitiado.
Nenhuma sabedoria me manda notícias.
Tem noites que não durmo
e dias que não desperto.
Nesses dias ronco muito.



O celacanto é um peixe pré-histórico,
que acreditavam extinto,
até que o encontraram, recentemente,
nadando em águas profundas.
Com certeza,
não mais tinha a pintura de outros tempos.
Peixe grande e firme
e de uma mudez sombria.
É um ancião que perdeu a alma.
Não dá para saber o que se esconde
por detrás dele.
Imagino que violou algum segredo
e foi viver no fundo do oceano,
em um terreno abandonado.
Quando se deixou aparecer,
com seus olhos brancos,
para a câmara de TV,
estava apenas indo à sua infância
e voltando.
Deslizou singular,
no estranho momento das coisas paradas.
Não sentia o seu coração.
Porém, presente o meu,
no meu peito,
na minha alma,
nos meus sonhos,
e tem as mesmas linhas desenhadas
de minha mão.
Óh! Deus! retenha-me!
Os limites me transpõem.



Preciso recuperar o agora.
Estou cheio de projetos gratuitos
e de inaparentes sons.
Meus devaneios
estão meros e pesados elefantes.
Rimas masturbam o passado
prendendo Verlaine em Rimbauld.
Governantes assistem a um filme pornô,
comem pipocas insossas,
enquanto eu dobro infinitos origamis.
O agora está cheio de ontem,
e o ontem tá viciado num cigarrinho de maconha.
Estou amanhã a projetar o ontem,
retorcendo-me num orgasmo cênico.
Não é difícil entender.
Difícil é caminhar entre homens,
como se fossem fragmentos do futuro.
Agora.



Movo cheio de caminhos transversos.
Palavras também se movem.
Movo rimas para outro lugar,
já que a sina é mover.

O universo é movimento,
por isso corro, rodopio, pulo
e construí, em minha sala de visitas,
uma linda escada rolante.
Tudo move.

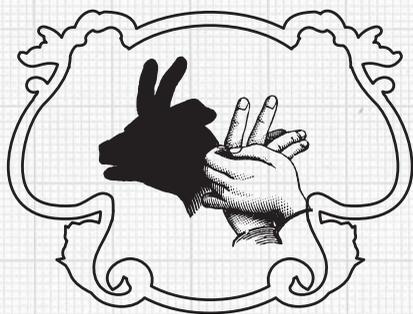
A muralha do horizonte me oprime
e me faz lembrar da cela intransponível,
que devo suportar.
Não sou um geógrafo,
para achar nas muralhas,
acidentes significativos,
que se denunciem como uma possibilidade de fuga.
E devo mover, mover, mover
e não tenho quatro patas e nem um par de asas
para testar a travessia das muralhas geológicas.
Movo de agonia, para não me perder.

A me espreitar, passivo,
o horizonte é minha punição.
Pior que a morte, ele está sempre a avisar,
à minha frente,
aguardando-me em seu repouso,
pacientemente,
enquanto movo, retorço, corro, inflo,
frito-me n'uma panela de óleo quente,
em meio de caminhos enviesados
e, cansado, suporto nos ombros
o Cruzeiro do Sul, que me atocha no chão.

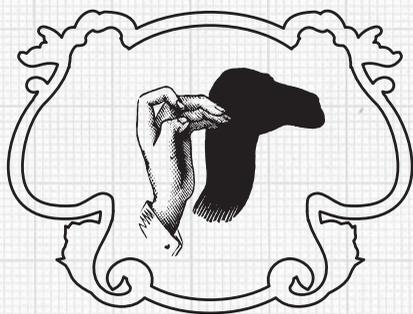


Minha memória de pátria
está repleta de martírios.
Moro num país de resignados,
que criam comendas e homenagens
a significativos bandidos,
que nos mostram os dentes.
Guardo monstros nas entranhas do peito,
para que ele devore, lentamente,
de dentro para fora,
até me fazer mais um habitante
de dentes arreganhados.
Sou um habitante,
que todo dia pede perdão, a não sei quem,
com um grito entalado nas ventas,
que não sai, porque não sabe,
se é cedo ou tarde demais para emití-lo.
Vivo em estado de horror,
que não incomoda, nem vira notícia.
Não mais indago nada,
pois resposta são as netas das perguntas.
Tornei-me um imigrante ilegal,
cuja bandeira tremula em ventos clandestinos.

Vago por um perímetro sacrificial.
Por esse lugar é muda
a violência das carcaças expostas
e o fedor das vísceras ululantes.
O ar se esgota em podridão.
Piso em algo que me transmite
uma sensação agradável.
É o esmagar das bostas,
que amainam e deslizam macias
a proteger os meus passos.



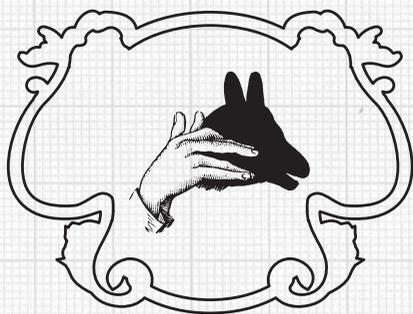
Tuareg: se não sou, me tornei.
As areias brancas dos desertos
invadem minhas planícies.
Insistentemente.
Tento contê-las com cerca de arame farpado.
Encostado nessa cerca, que fere meu peito,
e diante dessa tela em branco,
costumo perguntar onde estou,
quando não estou aqui.
Com o passar das horas, certos dias perdem peso
e ficam a ensaiar acontecimentos.
O que vejo não são areias.
É um branco puro, asséptico, linear,
que invade minha alma desabitando-a.
O que me resta de alma
eu a encarcerero em um porão subterrâneo,
para que possa mijar sobre ela tranquilamente.
Divago, penso, lambuzo-me de areias,
firo o peito no arame
e meus pensamentos
tornam-se terras de ninguém.
Quando eles descem, sobem-se preces.
E, assim, vou tirando leite de pedras
e jogando lágrimas às feras.



Fustigo de sombras as verdades
e engulo manuais de instruções
para não perder a memória.
Estou só, na cozinha, com um copo na mão.
Numa fração de segundos
não sei se o copo irá beber ou se será bebido.
Na minha mão ele apenas quer denunciar
a desrazão que me habita.
A vida é.
Por afinidade me apropriei de mim.
Escrevo sem saber, só para ir.
Corvus oculum corvi non eruit.
Traduzo: corvo não arranca o olho de outro corvo.
Vou!
Voo.



Só me resta tinta preta e, mesmo assim,
vou colorindo a tela com ela.
Meu eu, imprevisível e acolhedor,
age como uma voraz lixeira,
vomitando cores que não existem,
por sobre o negro da tinta.
Devido ao meu sucesso
com essa ausência de cor,
ao trocar meus passos, com cuidado,
uso óculos escuros, para atravessar noites.
Vez por outra escorrego sobre um
chão molhado de estrelas
e esfolo o cotovelo.
Então, aproveito para coletar
a cor vermelha, mesmo que toda
advertência divina seja contrária.



Flui!

Assisto, nessa minha varanda, a ansiedade
para compor um verso de paixão,
um verso-segreto,
que não se traduz,
sem regresso,
sem mapa.

Quando me aproximo da varanda,
fico sempre querendo saber
o que ela desvendará.

Minha vida desejada se assemelha
a um cartão postal do século passado.

Estou à procura de uma rima,
que me faça sair desse espaço,
por um minguado verso
disperso

reverso

só verso

só avesso

verso de berço.

Talvez esse drama dure apenas
algumas horas, e a rima, amanhã,
não estará mais viva.

Pois a minha rima almejada se destrincha
sob os destroços da minha varanda
em ruína.

Flui

fui



Bestas são seres que surgem
através de um acontecimento místico.
Por muito tempo achei
que o tubarão era o marido da baleia.
(não tenho explicações, nem justificativas, para
explicar essa bestialidade minha, nem a da baleia)
Tubarão e baleia são versos de peso,
o que os tornam um acontecimento místico.
Os dentes do tubarão são símbolos tóxicos,
que amedrontam.
Enquanto fugimos dos seus dentes
é a besta que nos engole.
Assim, aprendemos que devemos ficar longe,
adorando,
a contra luz,
camuflados,
onde flutuam as areias das teorias e das bisonhices.



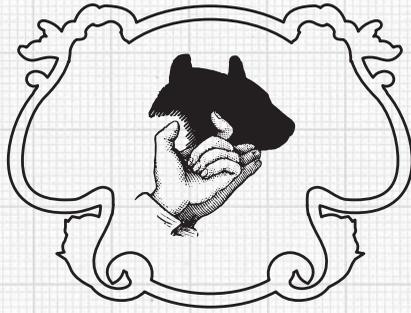
Fiat lux! E deus fez a luz.
No segundo dia fez os astros e as estrelas,
as planícies, os esbarrancados,
as ravinas e algares;
privilegiando sempre os barrocais.
No terceiro, quarto, quinto,
ele continuou a fazer coisas
e torná-las abrasivas.
No Sétimo foi descansar e nos deixou
plantados no cinema.

Como a luz era forte e abafadiça,
no verão de 1948,
Picasso carregava uma sombrinha de praia,
protegendo Françoise Gilot.
Foi nesse dia, que cheguei (ou parti)
para não sei onde,
e deus saiu para o seu descanso,
empunhando a sombrinha, para se inventar.

Hoje estou próximo do precipício do futuro,
e, presumivelmente, terei que parar.
Nesse momento,
toda a estrada que percorri,
passará sobre mim.

Desde agora
quero deixar em testamento o meu grito.
Não de dor.
Um grito que ateste o eco
frente a essa voçoroca, que me ameaça.
Hoje é dia do meu aniversário.
27 de janeiro, 64 anos.

Já tive que apagar da minha agenda nomes
dos meus mortos. Apaguei, entre outros, o
de Picasso e Gilot. A sombrinha ainda persis-
te, pois ainda quero crer, que ela me servirá
de paraquedas, quando for empurrado desse
despenhadeiro.

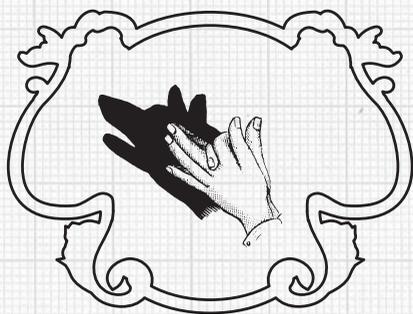


Assim que descobri o fogo,
acendi uma fogueira.
Taquei o lume em outras madeiras
e elas foram se alimentando,
uma após outra,
legitimando uma forma
de regularização própria.

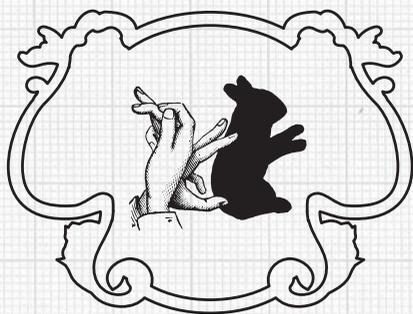
Assim que descobri como guerrear,
de destruir e de enganar,
passei a interpretar o mundo
criando uma mitologia para me justificar.

Compreendi a vida a partir de lacunas,
dos fiascos,
das perdas
e dos esquecimentos.

Toda vez que tenho que me recomeçar,
faço através da censura,
da insensibilidade,
dos autos de fé,
das negligências
e com distrações.
Para abrir clareiras nos caminhos uso foice,
outras vezes faço verso,
ou cavo um poço profundo.
Cavo cavo cavo
vou cavando,
procurando
até dar de cara com deus.
E deslumbro um deusinho enfasiado,
exigindo de mim mimos,
pedindo que me ajoelhe e diga:
_ sois poderoso! sois grande!
enquanto ele esquenta as mãos,
numa dessas fogueiras,
que acendi lá no princípio desse texto.



A gravata que não uso
enforca o homem que não fui.



Acredito piamente que os espelhos possuem
poderes inexplicáveis, para nos assuntar.
Assusta-me, quando imagens surgem
bruscamente, sem explicar de onde vieram.
de que mundo?
de que fundo?
e desdobra meu rosto,
a se apresentar como cicatriz,
ou mostrar-me,
como uma criança de cabeça zoológica.

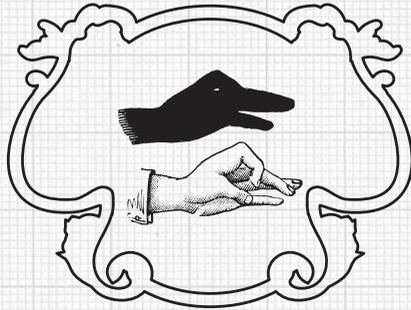
Veza por outra apareço,
como um sinal de guerra assombrosa,
que já perdeu o sentido.
Quando enfrento essas perturbadoras imagens
percebo que sou olhado pelas coisas que já vivi
e o passado me atropela,
fazendo-me perder a alma,
porque acreditei em milagre.



De dia eu velo estrelas
à noite eu velo o sol
e assim, surfando em nuvens andarilhas,
vou acendendo incensos
e pedindo perdão a Deus.

Às vezes, abro disputa com minhas mãos
e acabo todo escoriado.
... é a vida a se revelar em apertos de mãos

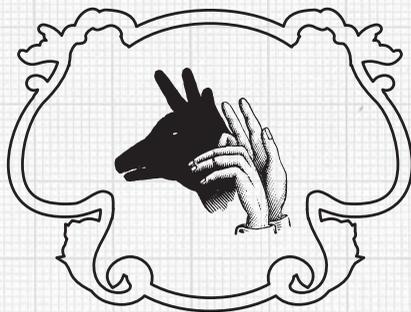
Higienizando as feridas, lavo as mãos,
em ossos vivos, esquivando dores.
Dos deuses me exilei.
Das deusas mais potáveis, como Audrey,
Garbo e Dietrich – nuas, cruas, luminosas –
não provei.
Na terra criei margens rígidas, por ter des-
coberto que sentir dói tanto que acreditar.
Uivo para as luas,
cheio de fogo, de ar e de areias.
Só interrompo mistérios,
quando sinto cheiro de sangue
e me escondo no medo.
Fascinado pela obscuridade,
acendo lanterna, para melhor apreciá-la.
Por não conseguir conviver com minha
sombra, fui fazer parte da “Constelação do
Cão”, e tive a sina de ficar a cheirar o cu dos
outros astros.
Nas margens dos rios lavo as minhas mãos
descarnadas,
também os meus vãos,
também os meus não,
e surfando em nuvens andarilhas,
faço confidências nas palavras.



No meu sonho chagalliano de magicar,
para sobreviver além de mim,
faço-me poeta, desdobrando o cotidiano em
possibilidades.
Assusto as pessoas, afogando-me em um
vidro de nanquim,
e me ressuscito, em Xanadu,
atendendo-me pelo nome de Mandrake.
Uso cartola, luvas e tenho poderes especiais.
Minha identidade foi cunhada por Lee Falk,
tenho um amigo chamado Lothar e uma
eterna noiva que se chama Narda.
Paro de respirar,
porque papel não precisa disso,
mas não desprego desse meu papel de mágico.

Agora é noite.
Ajeito-me sob as cobertas, feliz,
tendo o bucho guarnecido pelas iguarias
do Banquete de Trimalquião,
e fico à espera de um galo cantar
e não demora, ouço-o entoar logo ali.
... e outro responde no quintal ao lado

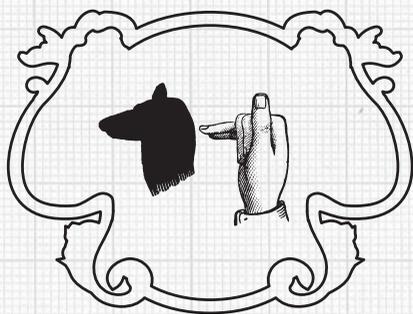
... outro mais adiante
... mais adiante
... e os ouvidos se apurando
Cocoricooooooooooooooooooooooooooooo!
Alertou-me os galos,
para que me ajeite,
sob minha capa preta com forro vermelho,
tendo o bucho guarnecido e memórias ruminadas
e protegidas pela minha cartola.
E vou ruminando
ruminando
ruminando até me converter mágico.
... e os ouvidos se apurando,
apurando-se para perceber o canto,
que já chega até a mim estrangeirado.
Aos poucos, uma imensidão de galos
se empoleiram nos astros das noites,
apresentando-se em compridos
e tristonhos cantos noturnos.
Uma cantilena chorosa, gregoriana,
acontecendo bem aqui, no meu quintal!
Entre os sons, vou caminhando,
arrancando minhas pernas,
com um andar de passos largos,
através da dor de seus chamados
e me quebro
e acabo esborrachando na profundidade dos significados.
Então, paro de rezar e perco a fé;
paro de pensar, para ser contraditório;
paro de chorar, para ser mais triste do que sou;
paro de viver, mas não perco a esperança;
paro em qualquer lugar,
em qualquer desvio, ou encruzilhada,
correndo o perigo de não voltar a ser mais eu.



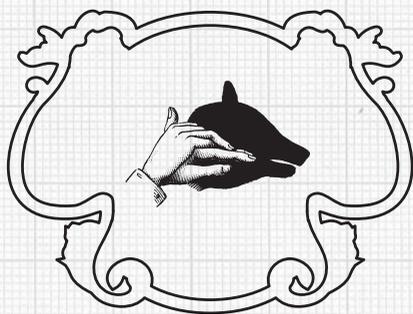
Fui avisado dos perigos da prudência.
Para me precaver das intempéries da vida,
aprendi a mentir.
Aperfeiçoei essa ferramenta
que a vida me forneceu
e aprendi a mentir a própria mentira,
adquirindo a avareza de viver
no vazio povoado.

Criei o céu, a terra e os etceteras,
até que descobri a mentira absoluta.
Nessa lucidez dos absurdos
comprei uma cadeira de balanço,
para melhor apreciar a loucura da tranquilidade
e fazer-me escritura.
Na ciência do “Cuspe à Distância”, virei doutor.

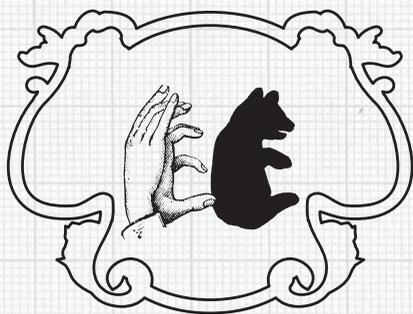
Coisa estranha viver!
assim que acabei de escrever essas palavras,
que resolvi chamá-las de poesia,
acendi um grosso charuto
e fiquei a devanear e aperfeiçoar a técnica
do meu incrível “Cuspe à Distância”.
Sou bom nisso!
Como trilha musical, para minhas escarradas,
coloco na vitrola, aos berros, a música Siboney.
Toda a minha vida me emocionei, dancei,
apaixonei, ao som desta música,
e só agora pergunto:
- o que é mesmo *Siboney*?
_ Ah!... quero morrer sem saber!...



Todo espelho é uma água dormente.
Nele tento suicídios várias vezes,
sem sucesso.
Sou regurgitado e meu corpo
lançado às margens de minha lucidez.
Narciso está sempre a dizer,
que devo aumentar o meu adorno,
para que me revele,
na minha própria moldura.



Tenho medo do medo!
Sei que ele é incolor, insonso, insípido.
Meu coração bate de medo na alegria.
Medo que não possa ficar mais alegre
e medo que,
medo e alegria, sejam a mesma coisa.
Sei que não passa de profecia a enxergar
defeitos no profeta;
é o poeta engasgado de poesia;
é o dedo no cu da razão;
é eco reverberando no silêncio;
e é o corpo que sendo, não tem para onde ir.
Por isso metrifico e grito!
Grito em muitas vozes,
num espaço indefinido
e num tempo desconhecido.
Faço tráfego de palavras à espera
de que elas provoquem um novo esbregue.
Berro, até fazer menstruar o destino,
berro, para copiar Tarzan;
berro, para copiar Munch,
berro, para copiar trombetas,
sirenes, buzinas e campainhas insanas.
Berro, ritmando frases sem pensar em sentido,
até forjar bocas berrantes e extrair a
possibilidade de um alumbramento.
Gostaria de dizer muitas coisas.
Muitas.
Porém, nessas horas,
tenho a boca muito cheia de língua.
Então, pego um livro e vou ler,
arrastando-me para dentro das letras,
com medo do medo, que me faz medo
e o provoco com o medo de meu berro estridente.



Isso que você vê, que fiz, não é só isso.
É isso, mais isso, que não é igual àquilo.
É como uma dor reflexa,
que aflora no joelho,
estando o coração doente.

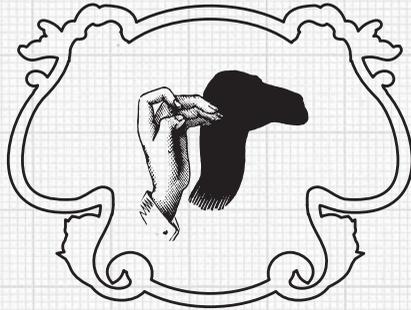
Em síntese:
sou como um apagador de borracha mole,
que tenta apagar equações,
feitas com lápis duro.

O mundo não me é dado por inteiro,
portanto, o vejo em detalhes, embrumado.
O isso que fiz
faz parte daquilo que você está vendo agora.
Enfim:
meu isso está no seu aquilo.



Merda!
Acreditei-me Superman
e não passo de Clark Kent.

Só mesmo com criptonita na mão,
consigo ser admirado
pela minha cor verde.



Projeto final

Gosto de transformar o que existe
em o quê não existe,
a fim de me tornar uma persona.

Estou sempre em labirintos de enigmas,
dual e contraditório,
vivendo condições ambíguas de coisas,
em tempos sobrepostos.

Um personagem ideal, para se viver,
no meio acadêmico.

Passo a vida tentando distinguir o luminoso do
iluminado.

Se, um dia, o que faço for descoberto, será através
dos meus grafites e pichações, feitos nos mesmos
muros em que mijeí.

Sou fronteiro, subnormal e cago escondido, nas
escadas dos prédios.

Gosto de colocar legendas na imaginação e falsificar
conceitos concretos.

Transformar técnicas e mecânicas, em fraudes de
mim mesmo,
e encher de lembranças os vazios.

Coincidir começo com o fim;
quebrar espelhos, para evitar semelhanças
e multiplicar a imagem;

Tornar-me presente nas ausências
e devolver originalidade à merda.
Gosto de dividir, somar, de multiplicar,
levando bisonhice e castidade
à ciência do cuspe à distância.
Gosto de cultuar a autocombustão,
como forma de religião;
ridicularizar gênios;
confiscar a sombra da luz
e despedir nos regressos.

É bom meter medo no medo,
comprar *franchising* da juventude,
espalhar outdoor seduzindo o povo à errância
e transformar o que existe no que não existe.
Há muitos começos para começar.
Muitas palavras perdidas em lábios imensuráveis,
que permitirão estender tapetes vermelhos, para
uma entrada triunfal.

Por isso e mais alguma coisa - que não sei o que é -
estou com a bunda atarracada nessa cadeira,
escrevendo,

já que, eu e minhas palavras
nascemos um para o outro.

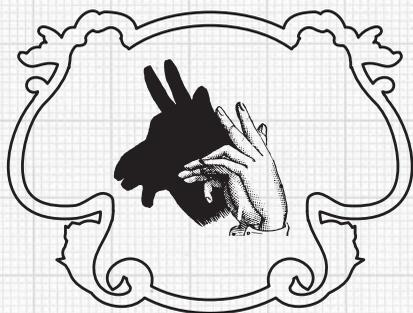
Por isso e mais alguma coisa - que sei o que é -
essas palavras são degeneradas,
pois sofreram mutações genéticas.

Não viraram sementes, estão híbridas,
Jumentas e não prestam para se fazerem árvores.

Mesmo sem o lenho,
invento fogo,

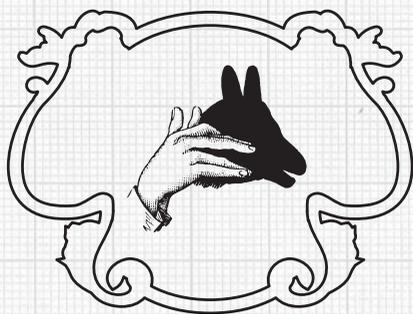
faço luz, fumaça,
carvão e cinza,

até que elas me conduzam
à Academia Brasileira de Letra Cursiva.



Prefiro Chapeuzinho Vermelho
às manchetes sangrentas de jornais;
prefiro o lobo aos ministros das leis;
prefiro a vovó a ponderar possibilidades do tempo;
prefiro a menininha,
que seu balaio de guloseimas;
prefiro caçadores, que *self-service*.
Porém, prefiro Narizinho e Emília
do que a Chapeuzinho,
ou prefiro coisa nenhuma a nenhuma coisa.

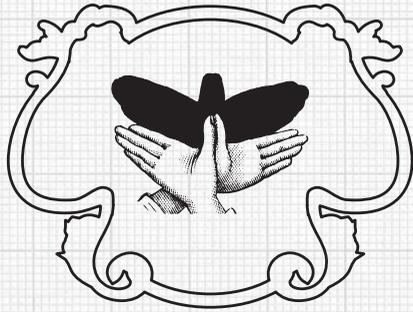
Minhas histórias são vastas
e mais perplexas com o mundo do que eu.
Já fui comido pelo lobo, logo após ter comido a
Chapeuzinho e de sobremesa a vovozinha.
Matei o caçador e corrompi ministros das leis.
O coração de um elefante, que matei,
pesa uns cem quilos,
mas por outro aspecto é muito delicado.
Estou convicto,
que devo escrever um conto da carochinha.
Qualquer coisa que juntando dê qualquer coisa.
Acho que os profetas escreveram assim e,
por isso, profecias se realizaram.
Subjetivo ou objetivo é questão de bifurcação.
Forquilha de estilingue!
Tal qual um santo, associo ideias e nuvens,
e o milagre aparece
sob o disfarce de delirantes advérbios.
Minhas ideias terão melhores fundamentos
se conectar qualquer coisa com a conjunção “e”.
Nada é mais bestial do que uma consciência limpa.
Meu desejo, agora, é um ponto final,
mas, antes, gostaria de saber:
- pra que esses dentes tão grandes?



Hoje meu verso pisou em caco de vidro.
Estou hemorrágico.
São sombras movimentando luzes.
É melhor ficar quieto.



Estou nessa vida de artista
à metade do tempo do miguel.
O miguel do CPF é objetivo diante da vida
e essa objetividade foi conquistada
em lutas travadas,
dolorosas e lentamente, comigo.
Ele conhece inúmeros demônios
escondidos nos arbustos,
que habitam o caminho do artista e,
mesmo que um advirta o outro, não adianta.
Simples assim: _ um bate outro apanha!
O miguel é que se cuide dos roxos,
que eu cuide das outras cores.



Há muito silêncio aqui, diante dessa tela.
Silêncio que cega, cor que fere,
raio em céu de brigadeiro.
Corra, afaste, esconda de mim
o que sempre foi meu.
A tela muda, apenas oferece beleza
e mastiga o espírito.
E foi ela que fez estardalhaço,
atordoando Dostoiévski,
diante do 'Cristo Morto', de Holbein.
O mesmo estardalhaço
que povoou a alma de Stendhal,
a ponto de ser traduzida em Síndrome.
E não há manicômios
para tratar a Síndrome de Stendhal.
Não há manicômio para tratar silêncios,
nem tão pouco belezas.

E a onda de Hokusai avança,
comendo ruídos,
engolindo gestos,
travando o olho,
tragando a alma,
afogando emoções.

Silêncio a provocar terror em algo tão simples,
corriqueiro, eterno e familiar.

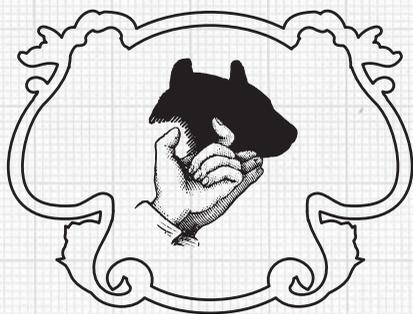
GRITE.

Toque tambor, alardeie buzinas, bata bumbos,
chame os corvos de Gogh,
arreganhe mais a boca de Munch,
escute o choro de Goya,
bombardeie os jardins de Bosch,
olhe nos olhos de Caravaggio,
entregue lâminas a Fontana,
acalme Picasso.

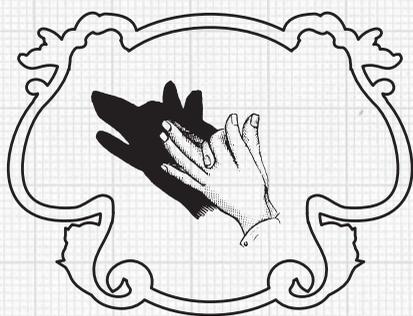
_ Grite alto, não lhe posso ouvir!

Afastem belezas que se traduzem em pesos,
em feridas e socos,
que espalham temores,
asfixiam
e traduzem covardias
ao se apoiarem em emoções.
Afastem.

Preciso do branco.



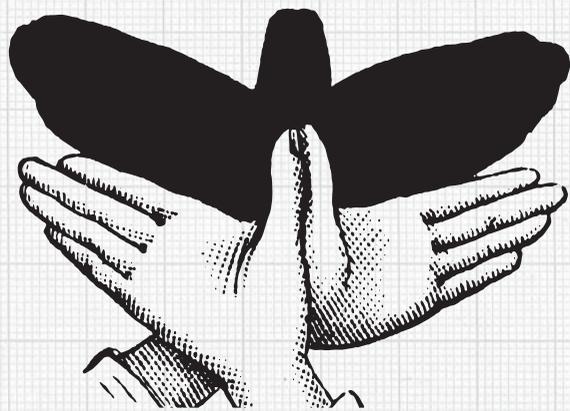
Contaram para os meus ouvidos,
que sereias não existem e que deus existe.
Contaram para minha boca,
que palavras enfileiram
uma ao lado das outras
tornam-se refletoras
e se desenham como existência
e se alteram como substância.
E eu fui nessa, enfileirando letras,
para conectar com deuses e sereias.
E acabei descobrindo,
que o que tenho a dizer,
não nasce nos beijos dos meus ouvidos.



Dizem que as coisas que escrevo ou pinto
são excessivas.

Porém, para lê-las,
as 'palavras' estão no vazio;
no que está por vir.

Esses vazios são os caminhos,
que se desdobram em parentescos,
num momento quando eu e o espectador
caminhamos juntos



FIGHA TÉCNICA

"O cinema é o modo mais direto
de entrar em competição com Deus"

Fellini

Cheguei aparado pela parteira Dozina: sou Miguel, filho de outro Miguel, avô de mais outro Miguel, pra homenagear anjo e artista. E para reforçar a guarda celeste, neto de Gabriel.

Bisneto de um agiota que todos diziam ter um pote de ouro enterrado no quintal e me fez acreditar em mapas, piratas, fugas, matas e escopetas.

Filho da Diva, que teve uma filha também Diva e que não andaram nuas sobre cavalos. Neto da Noeme e irmão de outra Noeme. Também irmão da Norma, da Neusa e do Júlio César, sem o Império Romano.

Nasci numa terra sem luz elétrica, mas que desconhecia trevas.

Terra das donas e dos Sôs. Terra dos coronéis velhinhos, que usavam bengalas e todos olhavam com admiração e eu achava que eram eles que, quando morriam, iam para o céu virar santos.

Passei a infância sobre as árvores, comprando lotes nas florestas africanas, em sociedade com Tarzan e esquecendo-me de tomar anabolizantes para que meus músculos capotassem soberbamente das minhas carnes.

Muito cedo conheci tudo sobre Monteiro Lobado e Machado de Assis e fingi, durante muito tempo, que gostava era de Proust e Joyce.

Logo no princípio da adolescência cometi meus primeiros crimes. Roubei e matei. Roubei da cozinha os pés de uma galinha e matei um sapo que vagava no quintal. Cortei suas patas dianteiras e costurei, cuidadosamente, os pés da galinha no seu lugar, criando uma nova espécie de bicho. A intenção era, após a 'cirurgia', enfiar uma das unhas do animal na tomada para que um choque lhe devolvesse a vida. Foi assim que descobri que sou covarde. Covarde por não ter coragem de enfiar a unha na tomada e, assim, não provei a importância de Mary Shelley na minha vida e minha total incapacidade em ser deus.

Fui batizado por um padre alemão fugido da guerra, que pelo fedor de murrinha dá sua batina, da sua língua enrolada, de sua fumaça de incenso nas bênçãos e seu discurso apontando o fogo do inferno como uma grande oportunidade, me fez entender o que era ser barroco, sem precisar do apoio semântico.

Fui a um comício, de mãos dadas com um político e não sabia que ele era presidente da república e nem famoso e só gravei na minha cabeça que era dia de lua cheia e a lua é a paisagem que mais me interessa nessa vida, e que não entendi uma só palavra do discurso do presidente famoso.

Senti cheiro de tinta a óleo dentro de um quartinho escuro e cheio de badulaques, onde minha tia Zilda copiava paisagens de moinhos de ventos e ursos polares. Ficava lá horas só para sentir o cheiro da tinta e ouvir discos de 78 rotações e fazer bonecos de neves imaginários.

Como na cidade onde nasci não tem ninguém chamada Marilete fui a Bahia buscar uma para compor o alfabeto da minha incompletude. E virei pai da Mariana e da Clara, que em outra encarnação já foi Clara-bisa e que meu pai contava que ela morreu muito velha, e de tão velha nasceu um chifre na sua testa. Assim sendo virei avô de Miguel, Pedro e Liz e, até hoje, não nasceu chifre na minha careca.

Sou da terra do João, do Zé, do Bié e da Iuca. Dos que se encantam em doutores; dos que somem sem deixar rastro; das mulheres que gostam de parir; dos homens que gostam de foder; dos bêbados; dos comerciantes; dos engravatados; dos rotos; onde todos, todos, todos fornecem suas partes para a eternidade - partes grandes ou pequenas - fornecendo-as para compor uma alma, que molda e dilui num mesmo líquido abissal. Compondo compondo, compondo e reescrevendo o livro dos Gênesis, sem Lúcifer. Porém, eu, Miguel, espada e balança em punho, com gestos fora do meu corpo, ouço o Senhor chamar por Adão e perguntar:
_ onde estás?

The End

"Por que realizar uma obra, quando é tão belo somente sonhá-la?"
Decameron, Pasolini

PATROGÍNIO

Miguel Lacerda e Diva Souto

Adelson e Goodson Caldas
Aderi Costa
Afonso Romano de Sant'anna
Agenor Mesquita Souto
Agenor Souto e Noeme Mesquita
Ageo Guimarães Filho
Alécio Cunha
Ana Casanova e Décio Ricaldoni
Ana Flávia, Arthur e Victor Gontijo
Ana Luiza Neves,
Ana Paula Ribeiro
Andrea Araujo
Angelo e Magali Issa
Antônio e Gilda Greco
Arlindo Daibert
Augusto Nunes-Filho

Bartolomeu Campos de Queiroz
Beatriz Ab Acl
Beatriz Maranhão

Carlos Roberto Ferreira
Carlos Alberto Ratton
Carlos e Luciana Perktold
Carlos Lúcio Gontijo
Carlos Wolney
Celma Alvim
Cesar Romero
Conceição Piló
Cristina Charbel

Décio Noviello
Dilma Moraes
Dinorah Carmo
Diva Virginia, Luiza
e Anah Liz Gontijo

Eli Salin Mansur
Eliana Nascimento
Enrico Bianco
Errol Flynn Reis Pereira
Euler Silame Garcia

Fabrizio Marques
Farnese de Andrade
Fernanda e Rafael Fronze Borges
Fernando e Nina Pacheco
Frederico Manuel Silva

Gabriel Lacerda e Raquel Gontijo
Gabriela, Daniel, Rodrigo e Bernardo Falci
Gladston e Eduarda Mamede
Glaucia Araújo
Glaucio Moraes \ Mateus Gontijo
Gustavo Soares
Gustavo e Renata Costa

Helena Souto e Paulo Ribeiro
Hercília Levy
Heron Martins Chaves
Humberto Pereira

Ildeu e Hélio Koski
Ildeu e Angélica Dellaretti
Inês Melo Sá
Ingrid Souto

Jair e Andrea Raso
J B Lazzarini
J. Anchieta Correa
Jacob klintowitz
Jayme Mauricio
Jehudad Levy Lubac
Jorge Coli
José Alberto da Fonseca
José Alberto Pinho
José Brito
José Carmine Dianese
José Eduardo Lima Pereira,
Juçara Costa
Juliano, Karine e Olívia Gontijo
Júlio Cesar e Ana Lúcia Mesquita
Júlio Mesquita
Juninho Mota

Kalluh Araujo

Leandro Gabriel
Lourdes Cedran
Lúcia Mata Machado
Luiz e Tania Philipo

Manfred Layerer e Eliana Toledo
Marcelo Brandão
Márcio Fonseca
Márcio Sampaio
Marconi Barbosa
Marcos Benjamim
Marcos Garcia
Marcos Hill
Marcos Pedroso
Marcos Venuto
Maria Clara e Tiago de França
Maria do Carmo Arantes
Maria Greco
Maria José e Narciso Araújo
Maria Luiza Castro
Mariana e Armando Brizola
Marilete Vasconcelos
Marina, Ricardo e Antonella Silva
Marina Nazareth
Marina Silper
Maristela Tristão
Mariza Trancoso
Maurino Araújo
Miguel e Liz Gontijo Brizola
Milene, Luiz, Leticia e Mateus Fraga
Maureen Cordeiro Gomes
Morgan da Mota

Nei Soares
Neusa e Otaviano Oliveira
Neusa e Beatriz Rodrigues
Noeme e Humberto Dico de Oliveira
Nohelen Souto Ribeiro
Norma e Dinei Melo
Norton, Fernanda, João Victor
e Ana Júlia Oliveira

Odila Fontes
Olísio Bonicegna Lima

Patrícia Araujo
Paulo Henrique Ribeiro
Paulo Laender
Paulo Pontes
Paulo Terra e Ricardo Girundi
Pedro Alberione Gontijo de França
Pedro Paulo Cava
Pierre Santos

Renato Trade
Ricardo Pentagna Guimarães
Ricardo Teixeira Salles,
Roberto Burle Marx
Robson e Elaine Soares
Rodrigo, Kelly, Guilherme e Mariana
Gontijo
Rodrigo Ratton
Rodrigo Vivas
Ronaldo Monteiro Braga

Salvador José Silva
Samuel Oliveira
Sandra Bianchi
Santos Leonel
Sebastião Borges
Segismundo Gontijo
Sergio Vaz
Sonia Veneroso
Sonia Viegas

Tamara Sardinha
Tarcília Araújo
Thaísa Ribeiro

Vinicius e Liamar Melo
Vilma Silva

Waleska Ribeiro
Wesley Duke Lee

Yara Tupinambá

Zilda Souto Mesquita

CINE THEATRO BRASIL VALLOUREC
Presidente: Hildeu Dellaretti Junior
Diretor Vice-Presidente: Bertrand Nicolas Gaston Mourier
Diretor Administrativo Financeiro: Marcos Marcellini Pereira
Gerente de Planejamento e Ação Cultural: Sandra Fagundes Campos
Coordenador de Cultura: Cleidisson Dornelas
Coordenador de Eventos: Rhondinelli Duque Silva
Contabilista: Emanuelle Guimarães Vieira
Auxiliar Administrativo: Alexandre Fulgêncio Santos
Supervisor de Logística: Matias José Araújo
Apoio Logístico: Walmir José da Silva
Monitor Programa Educativo: Keu Freire
Supervisor Técnico: Carlos César Godoi
Estagiária: Jaqueline Silva

Textos: Miguel Gontijo
Curadoria: Robson Soares
Proponente: Elaine Machado de Lima Soares
Design gráfico: Clara Gontijo

Esse catálogo é parte integrante da exposição virtual do Cine Brasil, em março de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gontijo, Miguel
Cinema : o esconderijo de Satirycon / Miguel
Gontijo. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Miguel
Gontijo, 2021.
ISBN 978-65-00-19451-7
1. Artes 2. Cinema 3. Cinema - Apreciação
4. Desenhos 5. Literatura brasileira I. Título.

21-60015

CDD-791.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema : Artes 791.43
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Copyright 2021, Miguel Gontijo



Patrocínio:



Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



miguelgontijo@hotmail.com
miguelgontijo.blogspot.com

Miguel Gontijo é formado em História e Pós-graduado em Artes e Contemporaneidade. Possui obras em várias entidades públicas no Brasil e exterior.

Premiado em diversos salões oficiais; recebeu, em 2010, o Prêmio "Mario Pedrosa" (artista de linguagem contemporânea), da Associação Brasileira dos Críticos de Arte, ABCA.

Foi destaque do Ano, no setor Artes Plásticas, em colunas especializadas, em 1977, 1978, 2000 e 2010.

Em 2004 publica o livro "Profanas Escrituras"

Em 2009 é lançado o livro "Pintura Contaminada"

Em 2010 é exibido nas TVs culturais europeias o documentário "Brazil for Beginners". Uma conversa do artista com o artista belga multimídia Michael Borremans.

Em 2012 é lançado no Museu Inimá o livro e a exposição "Miguel e o Ornitorrinco".

Em 2019 lança o livro "Axis Mundi" e em 2020 "Arsenal Antropofágico"

Possui vários textos e artigos editados em catálogos, revistas, livros e jornais

